



ENTREVISTA COM O PROFESSOR ANGELO SERPA¹

REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA²: A gente pensou em dividir a entrevista em duas partes professor, a primeira parte falando um pouco do ensino, do senhor enquanto professor e a segunda falando sobre teoria e método. Tudo bem?

ANGELO SERPA: Tá bom! A gente já começa logo com o ensino, que coisa difícil! (risos)

REVISTA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA: Como o senhor enxerga a situação atual da graduação e da pós-graduação em Geografia no Brasil e quais os desafios o senhor acredita serem enfrentados por professores e estudantes de Geografia tanto na graduação quanto na pós-graduação?

ANGELO SERPA: Bom, acho sempre muito complicado generalizar, não é? A situação do ensino de Geografia nas universidades brasileiras eu acho uma questão muito abrangente, a gente pode pensar em alguns caminhos para tentar responder à pergunta, aliás a Geografia serve para respondê-la. Um país como o nosso, com tanta desigualdade social, econômica, cultural, mas também regional, a gente precisa pensar o que significa um curso de graduação em Geografia no Acre, na Bahia, no Rio Grande do Sul, em São Paulo, ou um curso de mestrado ou doutorado em Geografia, que hoje, se não me engano, a gente tem mais de sessenta programas de pós em Geografia no Brasil; houve um crescimento muito grande da pós-graduação brasileira, sobretudo na última década. O que é interessante é que hoje pouquíssimos estados não têm uma pós-graduação em Geografia, se não me engano, tenho medo de errar, mas depois vocês conferem na página da Capes, acho que somente o Maranhão não tenha ainda, não tenho certeza, um ou dois estados não têm uma pós-graduação em Geografia, o número de doutorados também aumentou bastante. Quer dizer...e aí eu acho que vem uma série de coisas que precisaria pensar em relação à pergunta, como a gente responde uma pergunta dessas em um país com tanta desigualdade? Que país, não é? Por esse momento atual, a gente pensa como é que um país tão dividido em termos político-ideológicos pode construir algo

¹ Professor titular de Geografia Humana da Universidade Federal da Bahia (UFBA), pesquisador com bolsa de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), nível 1B.

² Participaram dessa entrevista os discentes Gustavo Costa Mota e Mariana Loyola Santos.

junto? Então, acho que eu poderia responder mais a partir da experiência que tenho aqui na Bahia como é que está o ensino na graduação e na pós-graduação. Acho assim, em termos de estruturação curricular, de abrangência da formação e mesmo de infraestrutura houve certos progressos nos últimos anos. A minha experiência na universidade começa nos anos 1990 aqui no Brasil, a partir mais ou menos de 1995 quando volto do doutorado que fiz no exterior, passei lá um bom tempo, de lá para cá houve investimentos não apenas financeiros, mas em mais vagas. Aqui na Bahia a gente lutou muito por um doutorado, o mestrado saiu nos anos 1990 e o doutorado só foi sair em 2011, mas tudo isso só foi possível porque houve contratação de novos professores, professores efetivos, mas também uma infraestrutura que hoje nem de longe se compara, não que ela seja maravilhosa, muito pelo contrário, a gente sempre quer mais e melhor, não é? Mas eu acredito assim, como eu fui coordenador de pós, como eu circulei bastante nesses fóruns de coordenadores entre 2003 / 2007, eu vejo que isso também aconteceu no Brasil com algumas universidades, não necessariamente em universidades do Sudeste, como também em universidades do Nordeste e até mesmo da região Norte, Centro-Oeste etc. Um exemplo para mim assim em relação à Geografia é a Universidade Federal do Ceará que hoje é uma universidade que tem o ensino de Geografia bem consolidado, uma pós-graduação respeitada, subiu de nota recentemente, a gente vê a consolidação de programas de pós-graduação com nota 5 em uma universidade como a Universidade Federal de Santa Maria que é uma universidade digamos assim mais periférica como nós, mesmo no contexto da região Sul, então hoje se a gente for olhar a distribuição das notas dos programas de cursos de pós-graduação, das notas dos cursos de graduação, a gente vê que realmente há uma melhor distribuição do acesso à graduação e à pós-graduação em Geografia no Brasil e com certo incremento de qualidade que a gente não pode negar, não que isso não corra risco atualmente, com todos os cortes que estamos enfrentando tanto em verbas de manutenção das próprias universidades, aquela coisa mais elementar, sem isso a gente não consegue trabalhar, mas também estamos vendo uma série de coisas ameaçadas, menos bolsas, fechamento de concursos, reforma da previdência e aí vai uma leva de professores que se aposentam e não têm reposição, então essas conquistas podem ter retrocesso. Em relação a Bahia e me parece que de modo geral, não só na Bahia na verdade, essa diversificação dos programas de graduação, essa maior inserção do curso de Geografia nas diferentes regiões do Brasil, vem acompanhada de um outro fenômeno que, eu até falo isso em uma entrevista que dei para o André Nunes para a tese dele, ao mesmo tempo que a Geografia se expande enquanto área de conhecimento nesses últimos anos ela também se fragmenta internamente, ela se especializa e se fragmenta. Isso tem reflexos ou é reflexo, porque é uma coisa dialética, uma coisa condiciona a outra na formação e nos currículos atuais. Então a gente tem aquela clássica divisão original entre Geografia física e Geografia humana, potencializada com a fragmentação e a especialização desses subcampos primeiros cada vez maior,

como é que está o ensino na graduação e na pós-graduação. Acho assim, em termos de estruturação curricular, de abrangência da formação e mesmo de infraestrutura houve certos progressos nos últimos anos. A minha experiência na universidade começa nos anos 1990 aqui no Brasil, a partir mais ou menos de 1995 quando volto do doutorado que fiz no exterior, passei lá um bom tempo, de lá para cá houve investimentos não apenas financeiros, mas em mais vagas. Aqui na Bahia a gente lutou muito por um doutorado, o mestrado saiu nos anos 1990 e o doutorado só foi sair em 2011, mas tudo isso só foi possível porque houve contratação de novos professores, professores efetivos, mas também uma infraestrutura que hoje nem de longe se compara, não que ela seja maravilhosa, muito pelo contrário, a gente sempre quer mais e melhor, não é? Mas eu acredito assim, como eu fui coordenador de pós, como eu circulei bastante nesses fóruns de coordenadores entre 2003 / 2007, eu vejo que isso também aconteceu no Brasil com algumas universidades, não necessariamente em universidades do Sudeste, como também em universidades do Nordeste e até mesmo da região Norte, Centro-Oeste etc. Um exemplo para mim assim em relação à Geografia é a Universidade Federal do Ceará que hoje é uma universidade que tem o ensino de Geografia bem consolidado, uma pós-graduação respeitada, subiu de nota recentemente, a gente vê a consolidação de programas de pós-graduação com nota 5 em uma universidade como a Universidade Federal de Santa Maria que é uma universidade digamos assim mais periférica como nós, mesmo no contexto da região Sul, então hoje se a gente for olhar a distribuição das notas dos programas de cursos de pós-graduação, das notas dos cursos de graduação, a gente vê que realmente há uma melhor distribuição do acesso à graduação e à pós-graduação em Geografia no Brasil e com certo incremento de qualidade que a gente não pode negar, não que isso não corra risco atualmente, com todos os cortes que estamos enfrentando tanto em verbas de manutenção das próprias universidades, aquela coisa mais elementar, sem isso a gente não consegue trabalhar, mas também estamos vendo uma série de coisas ameaçadas, menos bolsas, fechamento de concursos, reforma da previdência e aí vai uma leva de professores que se aposentam e não têm reposição, então essas conquistas podem ter retrocesso. Em relação a Bahia e me parece que de modo geral, não só na Bahia na verdade, essa diversificação dos programas de graduação, essa maior inserção do curso de Geografia nas diferentes regiões do Brasil, vem acompanhada de um outro fenômeno que, eu até falo isso em uma entrevista que dei para o André Nunes para a tese dele, ao mesmo tempo que a Geografia se expande enquanto área de conhecimento nesses últimos anos ela também se fragmenta internamente, ela se especializa e se fragmenta. Isso tem reflexos ou é reflexo, porque é uma coisa dialética, uma coisa condiciona a outra na formação e nos currículos atuais. Então a gente tem aquela clássica divisão original entre Geografia física e Geografia humana, potencializada com a fragmentação e a especialização desses subcampos primeiros cada vez maior,

então isso é uma coisa realmente preocupante. Eu dou aula mais no campo de Geografia Humana, Regional e Planejamento, então não tenho abordagem de Geografia Física, não é com isso que trabalho, mas dialogo e converso com meus colegas de Geografia Física e eu sinto que há muita especialização e por isso talvez seja muito difícil um aluno de graduação articular todos esses conhecimentos que chegam ao aluno de forma muito fragmentada, muito segmentada. Eu falei da Geografia Humana e Física, mas também tem aquele campo mais técnico da Cartografia, do Geoprocessamento, que também se especializou muito, hoje a gente tem aí muita gente de Geografia no Brasil afora trabalhando com modelagem e aí me lembro do livro de Pierre George *Geografia Ativa* no qual ele fala que a Geografia trabalha com todos os conteúdos das ciências naturais, mas ela não pode ser uma ciência natural, porque, na verdade, há uma especificidade aí, você quer trabalhar a dimensão espacial desses fenômenos que outras ciências trabalham, então há uma certa especificidade, mas isso é coisa dos anos 1960 quando se discutia essas coisas e se pensava em uma Geografia como uma totalidade, como um conhecimento que tem suas particularidades, suas especificidades internamente, mas que as pessoas se identificavam como geógrafos, como professores de Geografia etc. E hoje... e essa é uma pergunta recorrente na Geografia, isso é Geografia? O que é Geografia? Mas acho que hoje essa pergunta ela deixou de ser feita pela maioria de nós, mas eu ainda faço, então para mim essa geração de geógrafos como Milton Santos, Paul Claval, que tinham um conhecimento articulado dos dois campos (Geografia Física e Geografia Humana), é cada vez mais raro encontrar um profissional assim, há muita especialização, fragmentação e muita dificuldade do aluno, sobretudo do aluno de graduação fazer essa articulação e obviamente isso impacta também na pós-graduação, que muitas vezes recebe estudantes de áreas afins que fazem seleção e temos aqui arquitetos, advogados, biólogos, geólogos, engenheiros cartógrafos fazendo mestrado ou doutorado com a gente aqui e, muitas vezes, acho que é esse olhar de fora o que traz para gente alguma identidade. Eu vou falar mais quando estivermos falando sobre teoria e método mas eu acredito que a Geografia enquanto campo disciplinar pode se especializar internamente, mas não pode perder justamente essa essência, essência nunca é uma coisa boa de se defender, mas tudo bem, depois a gente destrincha isso melhor, e eu vejo uma certa recusa também de buscar articulação e aí eu não sei se isso é falta de tempo, a carga sobre os professores aumentou muito, nós somos muito cobrados etc., então acaba restando pouco tempo para articular, conversar mais, tentar trabalhar pesquisas junto. E se vocês perguntarem, isso não é uma especificidade nossa, isso está espalhado no Brasil todo e saiu recentemente na programação do ENANPEGE, deem uma olhada no que está sendo debatido ali, é muito difícil uma associação nacional de pós-graduação dar conta do que acontece em um Brasil tão diverso e com uma quantidade muito grande de programas

de pós-graduação, e isso tem rebatimento nas mesas porque vemos ali que foram tomadas algumas decisões, mas que o campo não está bem representado ali, nem em termos de distribuição regional no país, que é um país enorme, e nem em termos de temáticas de pesquisas, de coisas que estão realmente acontecendo Brasil afora e por que não estão? Porque é impossível, porque é muito fragmentado, você vê mais de 50 GTs se não me engano, aí você vai olhar o tema dos GTs vê que há sobreposições e você fica imaginando por que que esses caras não se juntam em um GT só? Porque perdemos essa capacidade de articulação. Então tem dois GTs iguaizinhos, mas um é porque o grupo de pesquisa não sei o quê, do lugar não sei de onde, entendeu? E os momentos de reflexão e de articulação se perdem nessa fragmentação toda, então acho que a Geografia corre um risco muito sério de excessiva especialização e fragmentação e perda de identidade enquanto campo disciplinar, porque nisso também quem trabalha mais com determinados temas da Geografia Humana acaba se aproximando da Sociologia, da Antropologia, da Filosofia e quem trabalha com Geografia Física acaba se aproximando das Engenharias, da Biologia, da Geologia etc., e a Geografia está ali um pouco perdida e esse olhar de fora, de outros campos, é interessante para tentarmos retomar essa identidade disciplinar que considero ser o grande desafio, voltar a pensar o que é que nos une, o que é que une essas vertentes todas, esses subcampos todos, e tem outra questão, as pessoas têm muita dificuldade de lidar com o outro se não classifica o outro, então os caras meio que dizem que você faz Geografia disso, você faz Geografia daquilo e você é colocado sempre em alguma caixinha, sabe aquele negócio das bonecas russas? Quando você vai ver já está cheio de camadas no local que te colocaram, então o desafio é esse, é tentar na graduação rever nossos currículos nesse ponto, até que ponto também não há excesso de disciplinas e sobreposição. E o que falta? Acho que o que falta são momentos de encontro, de articulação, de debate, então eu fico pensando, em vez de tantas disciplinas não poderíamos ter fóruns, cargas horárias alternativas relativas a outras formas de fazer isso? Porque acredito piamente, repito isso muito e não só na pós-graduação, eu acho que sala de aula é lugar de produção de conhecimento e não de reprodução e quem pense o contrário está profundamente equivocado, quer dizer aprendemos muito em sala de aula também, na troca, na discussão. Na graduação muitas vezes algo que parece ingênuo, equivocado, que vem de um estudante, te faz pensar, te faz pensar como faço para esse cara entender isso? E outro desafio é vencer esse preconceito em relação à Geografia que se estabelece no Ensino Fundamental e Médio, essa coisa que também temos muita dificuldade, nessa passagem de como o conhecimento acadêmico tem de fato um rebatimento em outros níveis de ensino e isso é muito complicado, acho que é muita gente tentando isso, não estou dizendo que não. As pesquisas nessa área do ensino da Geografia se consolidaram no Brasil, hoje há nomes importantes no país que trabalham com isso, e ensino de

Geografia tem efeito *boomerang* sobre a universidade, formamos um professor e ele vai para o Ensino Fundamental e Médio - enquanto a Geografia ainda está no Ensino Fundamental e Médio, diga-se de passagem - e são alguns desses alunos que vão vir fazer Geografia e muitas vezes não sabem direito o que que é Geografia, porque querem Geografia e acham que a Geografia é outra coisa, como a maioria das pessoas acham. É uma pena porque acho a Geografia uma coisa fabulosa, fascinante, quando nada forma cidadãos melhores, mais localizados e situados no mundo, porque para agir você primeiro precisa se situar e se localizar e entender essa situação, se você não entende as pessoas te maltratam.

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA: É interessante... Já que o senhor falou sobre a graduação, repensar o currículo e tudo mais, a nossa segunda pergunta tem a ver com isso. O que o senhor acha necessário para que o estudante de graduação em Geografia tenha uma formação mais completa? Se o senhor teria alguma recomendação referente a obras ou autores que o senhor considera fundamentais em uma leitura na graduação para que ele chegue na pós mais bem formado.

ANGELO SERPA: Nossa, que pergunta difícil. Só pergunta difícil, não é? (risos)

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA: É uma curiosidade dos graduandos, a nossa revista é discente, gostaríamos de saber. (risos)

ANGELO SERPA: Aliás, parabéns! Porque fazer uma revista discente é uma luta. É um esforço muito pouco valorizado, diga-se de passagem. Quer dizer “Ah, revista de estudantes” como se isso não fosse algo muito importante. Acho uma iniciativa rara e muito bem-vinda e ficamos na expectativa que continue, que outras pessoas assumam quando vocês não forem mais estudantes.

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA: Essa é uma questão bem dificultosa.

ANGELO SERPA: A questão é sempre essa. Os periódicos na área de Geografia sofrem muito com a questão da continuidade e da periodicidade, se você não tem ali um conselho editorial, uma comissão editorial fortes e alguém “Cristo”, um editor “Cristo” que leve o negócio para frente, a coisa para, fica sem sair um tempo, perde periodicidade, revistas muitas boas que você vê por aí e no site os últimos números são de 2016, 2017, então tem alguma coisa errada com os nossos periódicos nesse sentido, sobretudo falta de apoio, não é? É uma coisa que dá muito trabalho e é muito pouco

reconhecida. Eu não ganho nenhuma carga horária por colocar dois números de uma revista B1 no ar há 15 anos. Eu não ganho mais por isso, a revista não tem apoio nenhum, é o pessoal da EDUFBA que faz a editoração eletrônica, mas a revisão somos nós mesmos que fazemos e não a EDUFBA, eu entrego a revista pronta, diagramada e normalizada, depois eu tenho outra ajuda de alguém que coloca a revista no site, e pronto. Agora, todo o mecanismo de gestão da revista, parecer, encaminha para lá, encaminha para cá, nega, aceita, modificação... é uma revista B1, portanto tem um fluxo contínuo de submissões ali, a revista inclusive é famosa por ser rápida, tem gente que fica esperando um ano, dois anos uma resposta, a GeoTextos não passa de 3 meses, raramente excedemos esse prazo, damos logo uma resposta, é o mínimo que podemos fazer, não podemos ficar enrolando com isso. Mas, é muito difícil. Então, toda vez que você coloca uma revista no ar é opa! Mais um leão que a gente matou aí, com respeito aos leões, não é? Que hoje em dia falar de matar leão é até perigoso, vai aparecer a sociedade protetora dos animais defendendo os leões com toda razão. Mas aqui é só uma imagem, uma metáfora. Mas voltando, qual era a pergunta mesmo?

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA: A pergunta era o que o senhor acha necessário para que o estudante de graduação saia bem formado da graduação para continuar a vida acadêmica? Se o senhor teria alguma recomendação referente a obras ou autores.

ANGELO SERPA: Veja, aí retornaremos ao mesmo ponto. Tem uma contradição implícita no ensino de Geografia, que afinal de contas estamos ensinando uma disciplina que revela a diversidade regional, as desigualdades etc. em um país que é um imenso laboratório para compreender tudo isso, como o capitalismo vai se inserindo nas regiões, nos lugares, nos países, nos continentes e vai produzido ali contradições ao se reproduzir, então é muito complicado você ter uma fórmula que diga assim: O que se deve fazer para bem formar um graduando de Geografia no Brasil? Eu diria no primeiro momento depende, esse graduando está onde no Brasil? O que há de campo de trabalho, de demanda social, econômica etc. para esse graduando em Geografia? Então, uma primeira reflexão deve passar por aí, esses currículos devem corroborar especificidades de lugares, regiões, estados e que uma parte desse currículo tenha flexibilidade para dar conta disso, então é complicado pegar essas grandes narrativas “urbano”, “industrialização” e coloca lá em uma universidade no Norte do país, não necessariamente industrializado, com outra história de formação socioespacial e você vai lá e começa a falar de coisas que na verdade... Não que isso não seja importante de ser falado, mas tem que haver um espaço ali para discutir o que há de específico, o que há de particular nesses lugares, nessas regiões, nesses estados. Então, é claro que isso afeta bibliografia, autor, há autores que são

regionais, que são conhecidos nas suas regiões, seus estados, professores universitários que têm alguma inserção regional e que o país desconhece ou conhece pouco e que raramente é convidado para uma mesa redonda. Falamos que na Bahia a UFBA é uma universidade periférica mas não é das mais periféricas, Salvador é relativamente perto do Centro-Sul e isso acaba favorecendo de alguma forma um intercâmbio, uma troca, um conhecimento do que se faz aqui e isso não é verdade para o Norte do país, Centro-Oeste menos até, depende exatamente do ponto de onde você está. Então, a primeira coisa é pensar a bibliografia, o currículo etc., que dê conta também das particularidades de cada lugar, de cada região e de cada estado e eu não vejo essa reflexão ser muito difundida. Bom, o segundo ponto é lidar com essa fragmentação, acho que a questão passa por aí necessariamente, e como fazer eu não sei, mas passa por uma tentativa de superar, de agrupar, de dialogar, de fazer interagir coisas que ao longo desses anos todos se separaram na formação, de modo que alguém se forme em Geografia e seja interessado em Geografia Física, Geografia Humana ou nas disciplinas mais técnicas tenha algo em comum, que a gente tenha uma linguagem em comum, que a gente possa se comunicar porque acho que é isso que estamos perdendo. Podemos pensar assim: Que Geografia, que Geografia nos une? Quais princípios nos unem? Bom, isso é uma coisa, outra questão que acho também muito complicada e que nos últimos anos talvez tenha evoluído um pouco, evolução não é uma boa palavra, tenha melhorado, digamos assim, que é no sentido da melhora mesmo. A gente vive uma hegemonia em termos de paradigma, uma hegemonia aliás pouco aceita no discurso, mas que na prática acaba contaminando, formando definitivamente o pensamento geográfico de quem vai ensinar Geografia etc., que é uma ideia muito positiva de espaço, uma abordagem, a meu ver, excessivamente não é o termo, praticamente, positivista na formação dos geógrafos e acho que isso também tem a ver com essa fragmentação, porque as coisas se retroalimentam, uma especialização, uma fragmentação e uma predominância do paradigma positivista na formação. Aí fora as pessoas dizem que a universidade é marxista, que a universidade é socialista, comunista etc., mas, no fundo, no fundo, a lógica dialética e uma formação marxista consistente é algo raro na formação dos geógrafos, não que não haja pesquisa séria no Brasil se norteando por lógica dialética e paradigma dialético, dialético-marxista, marxista-lefebvriano, mas, a meu ver, isso é até polêmico, muita gente discordaria do meu ponto de vista, mas considero que não é algo hegemônico no Brasil, muito pelo contrário, na formação dos geógrafos, e isso é feito de forma muito subliminar, não é uma coisa assumidamente positivista, mas há uma predominância de um pensamento dualista, dicotômico, há muita dificuldade de compreender o que é lógica dialética e de realmente colocar isso em prática, então isso é uma coisa que depende muito também, de novo a gente cai no círculo vicioso, você forma gente positivamente, a pessoa vai continuar reproduzindo, se as outras possibilidades forem

tão marginalmente colocadas para esse estudante, então no discurso é lógica dialética, o paradigma marxista, mas no fundo, no fundo, não é. Bom, estou falando de dialética, de marxismo, de marxismo-lefebvriano, essas coisas todas, mas e a Geografia Humanista? A Geografia Cultural? E a Fenomenologia? Mais raro ainda, tem gente que vai ouvir falar de Fenomenologia e Geografia Humanista quando está fazendo doutorado aqui, nunca ouviu, nunca leu, assumidamente, e não é por falta de curiosidade, por falta de vontade, é por falta de oportunidade. Então, nesse departamento aqui com mais de 20 professores quem trabalha com a Fenomenologia? Raros são os casos aqui, se você for olhar no Brasil afora, você tem ali alguma produção em Niterói, na Federal Fluminense, na Unicamp, aqui e ali, e se você pegar a rede, o Núcleo de Estudos em Espaços e Representações, que é uma rede de Geografia social e cultural, que articula pesquisadores do Brasil inteiro, mais de 25 pesquisadores de diferentes universidades, se não me engano, e mesmo ali o paradigma fenomenológico é minoritário, as pessoas muitas vezes expressam que trabalham com a Fenomenologia, mas na prática você vai dar uma olhada e não é Fenomenologia. Então, voltando à questão do que fazer e do que indicar, penso que fazer o que for possível para diversificar o acesso de um aluno de graduação a outros paradigmas, não estou falando mal do paradigma positivista não. É muito útil essa lógica binária para o Geoprocessamento, não estou propondo que se jogue isso fora, ao contrário, a gente está desenvolvendo há mais de um ano uma parceria com o Grupo Costeiros, Grupo Espaço Livre e Grupo Costeiros juntos, no Laboratório de Análise Urbana Regional (NUAGEO), com o apoio do CNPq, do Edital Universal de 2016, que demorou um ano para sair o dinheiro, mas está aí, o dinheiro está aí, não quero reclamar. A gente está problematizando justamente essas questões das representações em Geografia e como a gente representa os resultados de nossas pesquisas, então isso pode ter rebatimento também nesse campo mais técnico. O campo técnico não necessariamente precisa se nortear exclusivamente por lógica positivista, o que é pensar a representação sob uma lógica dialética? O que é pensar a representação sob uma perspectiva fenomenológica? E é muito difícil responder essa pergunta porque para cada paradigma desses você tem uma lista de referências incontornáveis, há muitas dificuldades, por exemplo, com bibliografia, acho hoje uma discussão muito pertinente o decolonialismo, considero-a um pouco exagerada às vezes, mas acho pertinente essa discussão no sentido de que isso pode também diversificar as nossas referências bibliográficas, porque o discurso está aí, porém pouco se faz, isso não vem tendo rebatimento na Geografia, por exemplo de termos referência de autores africanos, de autores asiáticos, para além dos autores europeus e norte-americanos que não devem ser jogados na lata do lixo, com os autores latino-americanos até existe mais essa troca em determinados momentos. Mas, se formos pegar a bibliografia dos cursos de graduação Brasil afora, que cursos estão incorporando

referências de autores africanos, asiáticos, latino-americanos, ou mesmo brasileiros? Penso que devemos valorizar a Geografia brasileira em sala de aula, porque se faz muito no Brasil, a Geografia brasileira é muito grande em comparação com outros países, há uma densidade de pesquisa aqui de ponta a meu ver, mas muitas vezes o aluno passa por uma graduação e não sabe que isso está acontecendo, não é? Acho que isso é bom para a autoestima, pelo menos de você saber que há produção geográfica relevante, mas qual é o principal entrave para tudo isso? A comunicação, o aprendizado de línguas, que é uma coisa que infelizmente no Brasil fica muito aquém do que a gente gostaria, mesmo falando do espanhol, a começar pelo espanhol, porque estamos rodeados de países que falam a língua espanhola. Bom, para você lidar com a bibliografia africana você não vai falar os idiomas africanos, mas você precisa falar francês ou inglês, ler ou, pelo menos, entender. Ásia idem, falar mandarim não dá, quer dizer é mais difícil, mais complicado, ninguém está propondo isso aqui, mas como é a Geografia que se faz no Oriente Médio que já teve tanta importância? Como é que lidamos com isso? É muito interessante de pensar, de falar, mas na hora de fazer como é que a gente faz? Houve tentativas aqui na UFBA inclusive de vincular as bolsas de iniciação científica à obrigatoriedade de fazer curso de língua, mas isso teve alguns problemas e no final acabou, não sendo mais obrigatório, porque isso prejudicava alguns alunos que tinham mais dificuldade de aprender a língua e acabavam perdendo a bolsa porque não conseguiam se apropriar de outra língua, e começaram a pensar que isso era meio injusto, pois se o estudante ia bem na pesquisa, na formação de iniciação científica, perder a bolsa porque não conseguiu aprender a língua... Então, são muitas dificuldades misturadas. Por exemplo, o professor Milton Santos que tem uma obra fabulosa seria quase um laboratório para mostrarmos como um mesmo autor - tem outros, como Roberto Lobato Corrêa - percorre paradigmas ao longo de sua trajetória acadêmica e isso pode ser muito ilustrativo, além de ser um autor nosso, brasileiro, com crítica claro, todo mundo pode criticar obviamente, não estamos defendendo pensamento único e nem eu trabalho com o pensamento do professor Milton Santos dessa forma, mas, por que Milton Santos é tão pouco trabalhado em sala de aula da graduação? Eu acho pouco trabalhado.

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA: Também achamos.

ANGELO SERPA: Quer dizer, teve um certo reconhecimento em determinado momento e depois... Não sei se estou muito certo, da minha experiência, que tenho ao longo desses anos e do que vejo por aí, é que nem a Fenomenologia, que está concentrada em alguns centros, você percebe que tem lugares com mais proximidade com o pensamento do autor e que trabalha mais aquele pensamento,

mas em outros lugares é como se não existisse ou é muito marginal na formação. Aqui na Bahia acho que é mais presente na pós, por exemplo, do que na graduação, aqui na UFBA, na graduação é bem menos do que gostaríamos, tem o retrato dele, tem agora uma homenagem a ele no Museu do IGEO e tudo, mas quando Milton aparece realmente em sala de aula como norteador de uma formação em Geografia? Acho pouco para o que gostaria. É só um exemplo, temos outros geógrafos fantásticos que publicam muito no Brasil e que também aparecem pouco nas referências bibliográficas dos cursos, que precisam ser revistas, atualizadas; todo currículo de graduação deveria ser revisto pelo menos de 5 em 5 anos, agora a questão é que toda vez que revemos currículo surge mais disciplina nova e fragmenta ainda mais, alguém diz assim: “tem um negócio aqui que não está sendo ensinado, vamos criar uma disciplina” e depois quem vai dar a disciplina? Que é tão especializada, que depois você cria uma disciplina em função da existência de alguém ali, só que nós temos uma vida delimitada no tempo, não nascemos para viver eternamente, aí aquela pessoa não está mais ali, se aposenta, fica doente, falece, sei lá... e aquela disciplina fica ali e ninguém vai lecioná-la, porque é uma coisa muito específica, muito especializada, ou vai, mas não exatamente de um jeito que deveria dar, acho que a gente deveria gastar muita energia com essas reflexões, mas reconheço que não são coisas simples de resolver. As perguntas de vocês são muito difíceis. (risos)

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA: O senhor está achando? (risos)

ANGELO SERPA: Eu acho, você fica em uma situação de falar de coisas para as quais a gente vê o problema, mas talvez não tenhamos uma perspectiva muito simples de solução desses problemas.

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA: A gente entende que não tem uma resposta, uma fórmula, uma receita de bolo para as respostas, mas só gostaríamos mesmo de saber o que o senhor anda pensando sobre essas questões. Bem, uma próxima pergunta que temos aqui, muito nossa, estamos passando por esse momento, então resolvemos perguntar.

ANGELO SERPA: Vem mais confusão... (risos)

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA: Não, não é não. É tranquila.

Um das dificuldades dos estudantes no final da graduação e que pensam em iniciar o mestrado está na dificuldade de definir uma questão de pesquisa, ao mesmo tempo em pensar em autores coerentes

entre si e que sejam pertinentes com o tema. Quais sugestões o senhor daria para facilitar a delimitação de um tema e dos autores?

ANGELO SERPA: (risos). Eu faço isso tanto... eu faço isso em seminário, com meus orientandos, em reuniões do grupo, a gente faz isso o tempo inteiro, nas disciplinas, principalmente das disciplinas de pós-graduação, agora muita gente, 26 alunos, a gente acaba falando muito sobre isso. É uma coisa que eu gosto de fazer, de falar, de aconselhar, de estar junto.

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA: Que bom!

ANGELO SERPA: Eu gosto de pensar a partir disso, e esse é um ponto importante, de onde eu parto? Isso tem a ver também com a forma que trabalhamos pesquisa, grupo de pesquisa, orientação, quer dizer, para mim a primeira questão é: Esse tema te mobiliza? Te mobiliza por quê? Em quê? Porque eu pesquisadora, pesquisador me interessei por esse tema? Isso tem alguma ligação com a minha trajetória não somente profissional, mas também pessoal, história de vida mesmo? Então acho que isso é o primeiro ponto, fazer mestrado por quê? Então, me parece que se alguém vai atrás de uma pós-graduação é porque em primeiro lugar se identifica como pesquisador, gosta disso, gosta de fazer isso, não está indo fazer uma pós-graduação simplesmente para melhorar suas chances profissionais, porque também tem muito esse pensamento. Hoje em dia tem que ser bem relativizado isso, tem doutor desempregado e muita gente que eu oriento, por exemplo, se pergunta: Poxa, estou fazendo doutorado e depois o que vai acontecer? Uma vez doutor você quer continuar, não é? Você quer continuar a pesquisar e como doutor você quer formar seu grupo, formar seus orientandos, ter mínimas condições de trabalho para continuar a pesquisar. Então, o primeiro ponto para mim é que tem que ter identidade com o tema, com o que faz e compreender o que te leva a isso. Porque a gente lê esses projetos todos e tem aquelas fórmulas que a gente faz para a seleção, tem esses manuais todos de metodologia, essas coisas generalizantes que muitas vezes obrigam as pessoas a fazer algo, mas aquele algo não diz muito, a justificativa do trabalho, por exemplo, acho engraçadas determinadas justificativas porque o que se vende como justificativa... Você tem que provar que aquilo é importante para alguém e aí é engraçado, penso que deveria ser uma lógica diferente. Por que aquilo é importante para a formação desse alguém que está propondo aquilo? Deveria ser a primeira justificativa. Qual a trajetória desse sujeito que quer uma vaga de mestrado, uma vaga de doutorado, o que ele está propondo tem a ver com essa trajetória? E como isso ajuda a formá-lo. Para mim essa é a reflexão primeira, a outra coisa que é muito comum na Geografia e que me incomoda

bastante, não é necessariamente algo que impeça uma pessoa de ser aceita no programa e a gente encontra muito isso, antes encontrava mais, é quando uma pesquisa se justifica pelo recorte; então, assim, você pega burocraticamente uma metodologia que alguém já aplicou, por exemplo, em bacias hidrográficas para não dar um exemplo de Geografia Humana, utiliza uma metodologia meio linear e sim, o estudante tem que dominar a metodologia, os procedimentos metodológicos, não estou questionando isso, mas não é proposta nenhuma inovação em termos de procedimentos metodológicos e nenhuma inovação em termos teórico-conceituais, e a justificativa é somente porque aquilo nunca foi aplicado naquela bacia específica, a justificativa vira isso. Pense bem, eu sei que se eu pegar um copo d'água, colocar uma colher de açúcar, mexer e experimentar, aquilo será doce, eu não vou mais achar que será necessário eu agora mudar o copo, mudar a fonte de água e colocar duas colheres de açúcar para saber se ainda é doce, será doce, será sempre doce. Então, uma metodologia já consolidada, já testada, ser testada em outro recorte para quê? Qual a justificativa nisso? Esse é outro problema e me parece que persiste, talvez menos hoje, mas ainda assim Brasil afora em determinados campos da Geografia é o recorte que vai dizer se aquilo é original ou não. É complicado. E como é que eu articulo autores? Vocês perguntaram isso especificamente. Acho que também passa pela formação na graduação, aquilo que conversamos antes, se eu tenho uma formação muito focada em determinado paradigma eu tenho dificuldades em relação a outros e tenho dificuldade também de reconhecer a base filosófica, teórica, epistemológica de outros autores. Estou vendo ali o Tuan falando de lugar, estou vendo aqui a professora Ana Fani Carlos falando de lugar e aí eu vou construir um projeto citando aqui, citando ali, mas em nenhum momento, nem que seja em uma nota de pé de página, dizer assim: Olha eu sei que o Tuan tem o referencial fenomenológico, ao meu ver majoritariamente heideggeriano, e a professora Ana Fani Carlos transita por um outro paradigma, dialético-marxista lefebvriano, como ela própria se autodefine etc. É impossível dialogar Carlos e Tuan? Não, não é. Mas esse diálogo precisa ser sempre construído e para construir esse diálogo eu preciso minimamente entender o que é Fenomenologia e o que é a lógica dialética para tentar construir. Não é proibido, mas é difícil. É difícil inclusive porque tem a ver com aquilo que já falamos antes... Outra coisa complicada é como é que dou conta do estado da arte de uma determinada temática, se eu por exemplo não leio outra língua, só português? Eu fico meio que preso a uma bibliografia. Uma coisa complicada é a questão do *apud*, você acaba lendo coisas indiretamente, que é outra coisa que as pessoas muitas vezes questionam assim: Ah, mas você ainda trabalha com esses autores? Aí eu sempre cito a Hannah Arendt porque ela diz que liberdade tem a ver com isso, de eu escolher os meus autores e lê-los como se fosse a primeira vez, pode ser Aristóteles e Platão, eles estão à espera de serem lidos por você, que é você que está lendo e é você

que está querendo construir um pensamento a partir disso, então acho que não se contentar com os *apuds* e as leituras indiretas de autores, que é outro fenômeno bastante recorrente, que a gente percebe que é por essa limitação de não ter acesso à bibliografia original e por não haver tradução, ou, às vezes, é uma tradução ruim e você também não tem condições de julgar se aquela tradução é boa ou não. Agora, a relevância do tema me parece uma questão difícil de responder e aí eu devolvo a pergunta: O que é relevante neste século XXI no Brasil para apresentar como um projeto, uma temática de pesquisa em Geografia? O que é que estamos precisando? O que é inovação em Geografia? O que é um pensamento novo em Geografia? O que é que eu quero com esse projeto? Avançar teoricamente, epistemologicamente, ou eu quero dar conta de problemas práticos como entender por que há chuva de granizo? Saiu um artigo na GeoTextos recentemente, por isso que estou dando esse exemplo, chuva de Granizo em uma determinada região, pensando nas consequências, nos riscos, na vulnerabilidade, como se distribui na região etc. Então é importante para determinado contexto. É aquilo que falamos antes, depende da região, o que é importante e o que não é importante, eu considero que um trabalho teórico em Geografia é relevante porque também existe esse preconceito, quer dizer, o que é relevante é aquilo que tem sentido prático imediato. É também, mas não é exclusivamente. Porque o conhecimento prático ele também ganha com uma inovação teórica e isso vai ter consequências metodológicas para o campo, mas se pensa: Ah, isso é tão teórico! Sobretudo quando você está trabalhando com a Fenomenologia, isso é tão subjetivo! Na verdade, isso é um xingamento! Para mim eu acho que é justamente não compreender que objetividade e subjetividade caminham juntas e que elas criam uma lógica dialética que permeia essa relação, pesquisa não se faz sem sujeito, é isso que a Fenomenologia nos ajuda a compreender e aí volta para aquele início da resposta “O quê que me levou a esse tema?” “Por que me interesse por isso e não por aquilo?”. Porque, sem prazer, o que a gente tem são trabalhos burocráticos, com bancas burocráticas, com orientações burocráticas e que não fazem avançar nem teórica, nem metodológica, nem pragmaticamente a disciplina. Então não é pós-graduação em Geografia a qualquer custo, mas uma certa reflexão nesses termos, muito em linhas gerais, não gosto muito de ficar dando conselho, então é isso, conselho a gente só dá para quem pede, e como vocês pediram...

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA: A outra pergunta que temos é muito parecida com o que o senhor já comentou, então daremos seguimento partindo para o segundo bloco “teorias, conceitos e métodos”. Seus trabalhos são reconhecidos por um esforço contínuo e de muitos anos em articular o materialismo histórico e a abordagem fenomenológica. Falando de pesquisa, quais avanços o senhor enxerga nessa articulação teórica frente à comunidade acadêmica e o que ainda precisa avançar, e de

que forma podemos fazer essas aproximações e manter um trabalho coerente?

ANGELO SERPA: (risos). Vocês só fazem pergunta difícil, não é muito simples de responder isso.

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA: Mas, de certa forma o senhor até já começou a falar sobre isso.

ANGELO SERPA: De certa forma já estamos conversando sobre isso. Em primeiro lugar, a gente deve relativizar o tal do reconhecimento do que a gente faz, esse reconhecimento é muito relativo, ele é muito relativo e passa por todos esses problemas que a gente falou antes, de língua, de um país muito grande que dificulta o encontro entre as pessoas, é caro viajar nesse país, é caro fazer um encontro de pesquisadores, nossa infraestrutura não é tão boa assim que permita dizer: “deixa eu conversar com meu colega lá da França pelo computador conectado com ele”, teoricamente isso seria possível, mas não é, a gente sabe que não é, na banca a gente precisa colocar o colega no Skype ou em outro aplicativo qualquer que faça essa comunicação e é sempre um risco. Por exemplo, sempre peço um parecer escrito como garantia, porque às vezes a transmissão online não acontece, então esse reconhecimento é muito relativo, de qualquer um de nós, a gente tem que pensar assim, quando escrevo alguma coisa sempre penso: vou escrever para quem? Quem vai ler isso? Mesmo que seja um texto mais acadêmico, a gente tem os maiores distribuidores de livro no país nesse momento em recuperação judicial, que são a Saraiva e a Livraria Cultura com um monte de livro em consignação, que não pagam as editoras, nem devolvem os livros, então temos uma crise violenta no mercado editorial no mundo e no Brasil, que dirá então dessa literatura mais acadêmica e tudo mais. Estamos falando desse país e dessa língua que cobre um país inteiro, mas que dificulta a nossa comunicação com os pares se a gente não domina outro idioma. As pessoas às vezes falam assim: Ah, tem carreira internacional! Tem muito esse papo hoje, o que é a internacionalização da universidade? Em que sentido se dá essa internacionalização, sob que hierarquia? Porque sabemos que existe... mas, se a gente ficar falando sobre internacionalização... porém, a UFBA por exemplo não tem aula ministrada em inglês, não dá aula em inglês ou em outras línguas como existem universidades de fato internacionalizadas em outros continentes mais ricos que você não precisa falar a língua do país, por exemplo na Finlândia você não vai falar finlandês que é uma língua difícilíssima, você não vai aprender a falar finlandês para fazer doutorado-sanduíche na Finlândia de 6 meses, precisa é falar inglês, vai ter todas as condições do mundo para realizar seu doutorado em 6 meses falando inglês, húngaro que é um idioma parente do finlandês e por aí vai, senão você vai ter que aprender muitas línguas, mas tem línguas mais universais... no continente latino-americano se você falar bem espanhol se vira em

muitos países, então passa muito por aí. Bom, estão perguntando a questão da Fenomenologia e da dialética, isso já causou muito ruído e acho que hoje é melhor compreendido, melhor compreendido porque são anos e anos de pesquisas, são dois grupos de pesquisa que se consolidaram: o Espaço Livre de Pesquisa-Ação e os Territórios da Cultura Popular, muita gente já passou por esses grupos, às vezes começando como iniciação científica e indo até o doutorado, tenho colegas por aí doutores e tudo mais que continuam a frequentar o grupo. Então acho que hoje é melhor compreendido essa coisa de trabalhar com dois paradigmas, porque em alguns momentos foi muito solitário esse esforço, porque você acaba sendo mal compreendido pelos colegas que trabalham ou com um ou com outro paradigma, em alguns momentos você pode ser acusado de eclético e isso não é bom. Ecletismo significa que você mistura alhos com bugalhos, que você está fazendo uma salada teórico-metodológica e acho que uma das coisas que é importante ressaltar porque é uma revista discente, é dizer que esse risco existe. É aquela coisa que eu falava antes, eu posso dialogar Tuan com Carlos? Pode, mas precisa ser construído. Então a questão para nós é que nós não misturamos os métodos... não é uma mistura. Na verdade, não estou nem falando de método, estou falando de paradigma, eu não misturo os paradigmas, eles norteiam nosso pensamento - não exatamente separados porque dialogam - mas, determinadas fases da pesquisa exigem a predominância de determinado paradigma, talvez esse seja o ganho da história. Na verdade é muito difícil você falar que a Fenomenologia é um método, ela pode ajudar a construir o método, ela pode ajudar a construir procedimentos metodológicos, mas ela é, na verdade, uma filosofia, um campo filosófico que tem várias consequências e, para a Geografia, sobretudo, uma consequência ontológica de pensar a Geografia como uma Geografia vivida, como uma Geografia do cotidiano, então a Fenomenologia nas nossas pesquisas abre os trabalhos, ela nos permite fazer todas essas perguntas que eu fiz antes, o que me levou até aqui? Quem é esse sujeito pesquisador? Como esse sujeito pesquisador se coloca diante dos seus sujeitos de pesquisa? Isso porque a gente também trabalha com a Geografia Humana e aí, claro, como eu me coloco diante do meu sujeito de pesquisa, vem logo aquela concepção mais existencialista, sartreana, que tem impacto na obra de Milton Santos etc. A Fenomenologia ajuda a questionar, a desconstruir para você depois reconstruir em termos teóricos, em termos metodológicos, e esse processo é muito interessante porque o sujeito pesquisador está ali o tempo inteiro, o que nos dá mais liberdade em termos de linguagem, de metodologia, de abordagem etc. A dialética é uma necessidade, não é uma escolha. Não há saída para nós, eu não estou falando que tem que ser necessariamente marxista, mas pensar dialeticamente é necessário para a gente entender conflito, contradição, desigualdade, porque a gente está em um país que é tudo isso. Então obviamente nessa imersão na temática, no objeto, enquanto sujeito se relacionando com outro sujeito,

as contradições e os conflitos vão gritando, pipocando, aparecendo na sua frente, então aí o que acaba acontecendo é que a lógica dialética se impõe no processo de apreensão dessa realidade. Isso não quer dizer que eu não volte mais para a Fenomenologia porque esse percurso ele tem que ser fechado, arredondado, mas a Fenomenologia permite no final também resgatar o que se acrescentou a esse sujeito pesquisador enquanto experiência, enquanto conhecimento produzido e adquirido. Então acho que esse é um cuidado fundamental, os paradigmas estão aí para nos nortear, mas de fato é muito complicado dialogar dialética e Fenomenologia trabalhando com isso ao mesmo tempo porque em alguns momentos eles podem ser inclusive auto excludentes, e aí, nos nossos grupos de pesquisa atualmente a gente tem de tudo, a gente tem gente trabalhando nesses termos, a gente tem gente trabalhando só com Fenomenologia, tem gente trabalhando só com Lefebvre e lógica dialética, não necessariamente é uma obrigação fazer assim, tem gente, inclusive, nesse momento trabalhando um diálogo entre Fenomenologia, marxismo e anarquismo, e que teve uma banca de qualificação recentemente. Mas aí é a necessidade do que ele está vendo enquanto realidade que o levou a pensar nessa possibilidade de também dialogar com o anarquismo, o referencial anarquista. Eu lancei um livro agora pela editora Contexto, é um livro autoral, e o que é esse livro? Ele se chama *Por uma Geografia dos espaços vividos* e o subtítulo é *Geografia e Fenomenologia*, eu tentei reunir o que refleti esses anos todos, porque a gente trabalha com Fenomenologia desde 2001, então são 18 anos já passados, então voltei a esses textos que estavam distribuídos em um periódico ali, outro aqui e por conta disso o impacto acabava sendo muito pequeno e eu senti a necessidade de dar - depois de tanto tempo trabalhando assim - uma costurada nesses textos... Tem também dois capítulos absolutamente inéditos, são oito capítulos, e tem outras coisas em relação às quais eu me considero um pouco responsável, uma coisa que a gente de certa forma foi bem questionado e que hoje me parece consensual, é sobre a influência fenomenológica no pensamento de Milton Santos, sobretudo na sua fase mais tardia. Ele também não misturava, então não fui eu quem inventou esse diálogo de lógica dialética, marxismo e fenomenologia, a gente tem um pioneiro nisso que foi o professor Milton Santos, sem sombra de dúvidas; Há outros também, o Armando Corrêa da Silva lá atrás, então não fui eu que criei isso, isso foi por inspiração miltoniana, mas isso para alguns colegas foi uma provocação. Muita gente durante muito tempo colocava o Milton em uma gaveta dialético-marxista ou materialista-histórica, mas eu acho pouco para definir o pensamento miltoniano, parece que há ali uma influência de Fenomenologia existencialista sartreana que precisa ser melhor compreendida, mas eu acho que isso já avançou, eu acho que isso não causa mais tanta polêmica. Mas outra coisa que eu descobri mais recentemente, lendo algumas obras de Lefebvre que não são tão conhecidas, embora tenham tradução, *A presença e a ausência* e *o Reino das Sombras*, são dois

livros diferentes, e, a partir dessas leituras, eu comecei a descobrir alguns textos em inglês, de alguns geógrafos que estão também trabalhando com isso, alguns geógrafos franceses também, de pensar a aproximação lefebvriana com a Fenomenologia. Todos sabemos que Lefebvre foi um crítico da Fenomenologia, apontou seus limites, a crítica principal é sobre o idealismo, mas, hoje também lá fora se discute muito a influência da Fenomenologia francesa e alemã, sobretudo Merleau-Ponty e Heidegger, no pensamento lefebvriano e você percebe isso claramente pela relação que ele estabelece com Nietzsche, quer dizer, Nietzsche não se pode dizer que foi um fenomenólogo mas abriu caminho para essa possibilidade de aproximação. Isso é uma polêmica na verdade, eu apresentei isso em uma mesa do NEER (Núcleo de Estudos em Espaço e Representações) em Diamantina ano passado, é o último capítulo desse livro que lancei agora, o *Por uma Geografia dos espaços vividos*, estou analisando ali o *Reino das Sombras* e dando um pouco de consequência a essas reflexões, mas eu acho que isso é uma porta aberta que talvez ajude a gente a compreender melhor justamente aquela articulação que eu falava lá atrás do Tuan e de Ana Fani Carlos, e há categorias que nos ajudam nisso e que podem ser abordadas tanto em uma perspectiva fenomenológica como dialética: cotidiano, experiência, situação, espaço vivido, representação. Todas essas categorias também podem ser tratadas teórica e conceitualmente, são perspectivas que a gente tem. Eu ando muito interessado nessa ideia do Dardel de geograficidade, de uma geografia primeira, dessa geografia que todo mundo faz. É algo muito interessante de pensar essa questão do que nos une como profissionais de Geografia e o que nos une com esses sujeitos outros que não estão na universidade; então não é à toa o título do livro *Por uma Geografia dos espaços vividos* porque eu ando muito interessado nessa Geografia vivida e para mim essa é a possibilidade de tudo que vocês perguntaram antes, de dar uma guinada na compreensão do que é Geografia para as pessoas que não estão aqui, mas também como formação de professores. A Geografia é um conhecimento intrínseco ao ser humano, o ser humano é espacial, ele cria e produz espaço o tempo inteiro, não necessariamente de forma consciente, e, por outro lado, também essa possibilidade de articulação em momentos diferentes da pesquisa de Fenomenologia e dialética me dá possibilidade de realçar determinadas categorias que eu considero fundamentais na Geografia: distância, direção, localização, distribuição, situação e escala. Então essa Geografia dos espaços vividos ela perpassa escalas. Parece-me que o ganho na formação é justamente esse, pensar que esse é o trunfo da Geografia, que há uma Geografia que é vivida, muitas vezes de forma inconsciente, mas, se ela é conscientizada, ela te ajuda a se localizar, se situar no mundo no sentido mais profundo que isso possa ter e de extrapolar a minha experiência que é local, que é de lugar. Porque é o lugar que vai articular essas escalas, por isso que o lugar não é só local. Eu parto do local, mas o lugar não é só local, lugar é justamente aquela plataforma que me permite viver

essa Geografia, entender como eu me localizo e me situo no mundo, me penso no mundo, e isso passa por um monte de coisas, passa por muitas possibilidades de análise escalar. Eu acho que esse é um dos maiores trunfos da Geografia, inclusive, pensar como a gente vive essa espacialidade diferencial a partir do lugar ou o lugar como plataforma de construção dessas experiências. E o mundo que se abre é quase como ser alfabetizado, uma pessoa que não sabe ler e é alfabetizada, aquilo abre o mundo para ela e é uma pena que a gente ainda tenha tantos analfabetos no Brasil, que é outro problema. Mas voltando à história do livro e do reconhecimento, essa coisa de você, como cidadão comum, não necessariamente geógrafo, compreender seu lugar no mundo e dominar minimamente essa espacialidade diferencial que você vive é potencialmente muito subversivo, isso dá, inclusive, uma perspectiva política de renovação das lutas porque, para você lutar, primeiro você precisa se situar e compreender sua situação no mundo, as relações de gênero, classe, etnicidade, se é jovem, se é idoso, essas coisas todas.

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA: O senhor acha pertinente falarmos em uma diferenciação entre espaços públicos, espaços políticos e espaços comuns como sugerem alguns autores?

ANGELO SERPA: Passei um semestre fazendo isso na Faculdade de Arquitetura, também participo de um programa de pós em Arquitetura aqui na UFBA e essa disciplina que ofereci, *Espaço público e paisagem*, teve uma grande procura, eu gosto dessa mistura de arquiteto, urbanista, gente que trabalha com planejamento com Geografia porque isso realça algumas diferenças entre os campos disciplinares. Bem, espaço político, espaço público e espaço comum... essa discussão é muito complicada, eu escrevi um livro sobre isso, certamente essa pergunta vem por causa do livro que meio que ganhou vida própria, andou com as próprias pernas...eu soube recentemente, através de um trabalho sério de levantamento dos professores Eustógio Dantas e Borzacchiello, que o livro foi o livro mais citado no campo da Geografia Urbana nos últimos dez anos e é legal pensar nisso, mas, por outro lado, você pensa assim: Poxa, parece que só leem esse livro, eu tenho outros que eu gosto também, tem outras coisas que eu escrevi além desse livro (risos)! A discussão é importante ainda, esse livro foi lançado em 2007, lá se vão doze anos e na época era uma discussão ainda pouco proeminente em Geografia e mesmo em outras áreas, havia o livro do professor Paulo Cesar da Costa Gomes, *A Condição Urbana*, que também tratava de espaço público, mais ou menos na mesma época, então foi uma lacuna de bibliografia que foi preenchida. Nesse livro eu dou uma série de dimensões que devem ser analisadas quando você pensa o espaço público: acessibilidade,

visibilidade, valorização imobiliária etc., eu acho que a discussão é importante, quando a gente fala de espaço público a gente está falando de outra questão e aí há uma relação dialética e contraditória entre esfera pública e espaço público. A gente diria então que o espaço público ele ocorre e acontece onde a esfera pública pode se realizar e, nesse sentido, para mim espaço público e espaço político são sinônimos, onde a esfera pública se realiza aquilo ali é um espaço político e um espaço público. A questão é que para a Geografia, para as disciplinas espaciais, há uma confusão entre forma e conteúdo e uma ideia que um espaço livre de edificação, um espaço aberto, é automaticamente um espaço público e aí vem aquelas análises morfológicas que são importantes e que fundamentam intervenções urbanísticas... e tudo isso é importante, mas não necessariamente o espaço público, o espaço político se realiza em uma praça, em um parque, ele pode se realizar na casa de alguém, um líder que reúne pessoas ali do bairro... mas o que definiria a meu ver esfera pública? É onde em primeiro lugar há o encontro de diferentes, iguais oportunidades de ação e discurso. Isso nos coloca em uma encruzilhada, a concepção é, sobretudo, arendtiana e que constrói todo um argumento de que você tinha uma dialética entre esfera pública e esfera privada que foi de alguma maneira superada por uma lógica que é hoje entre uma esfera social e uma esfera íntima, então aquela ideia também complementada pelo pensamento de Jürgen Habermas, de que esse modelo político do Estado-Nação transformou essas relações público-privado... é toda essa construção de pensamento que está lá no livro, que está nos cursos que eu dou e que não cabe aqui falar. Mas vocês falam também em espaço comum e aí todas essas coisas que a gente discute... a gente pensa assim, espaço comum é diferente de espaço público então? Eu creio que sim. Há uma discussão hoje em Geografia Urbana que está proeminente, no SIMPURB agora em Vitória-ES parece que vai ganhar protagonismo total essa discussão do comum, que é aquela ideia que agora o capitalismo produz mais valia relativa e vai em direção a tudo que é espaço comum no sentido de uma nova espoliação. E aí você pensa em tudo que está acontecendo no Brasil, há certa razão nisso, quer dizer, apropriar-se de terras quilombolas, terras indígenas, fundos de pasto etc., não que isso seja novo, mas a ideia que há ali algo que é comum no sentido de algo comunitário e que é expropriado pelo capital afim de se produzir mais valia. Eu tenho algumas ressalvas em relação a essa discussão porque há uma crítica em relação, sobretudo, à atuação do Estado, a atuação institucional, e uma certa confusão entre público, político e institucional. O que me parece hoje, na verdade, é que se você parte dessa definição de espaço público como a dimensão espacial da realização da esfera pública, em um país dividido como o nosso, nesse momento atual, eu diria que é muito difícil encontrar espaço público no Brasil. Onde é que tem espaço público? A gente precisa procurar. Não existe? A meu ver existe em momentos e situações específicas que precisam ser muito bem analisadas e nunca de forma afoita. Acho que nós

estamos devendo ainda uma análise mais consistente sobre 2013 no Brasil, como é que eu posso falar de espaço público naquele... tem até um documentário, *A democracia em vertigem*... tem um filme específico também sobre aquele gradil ali no gramado de Brasília, na Praça dos Três Poderes, separando quem era a favor e contra o impeachment. Então, uma sociedade radicalmente dividida como a nossa contraria completamente a ideia de espaço público, que é justamente a possibilidade de diálogo entre diferentes, da forma menos hierárquica possível para resolver conflito e contradição. É isso que é esfera pública, é assim que se forma uma opinião pública. A reforma da previdência foi discutida com quem? Não foi discutida, ninguém foi consultado. É uma coisa que veio da cabeça do ministro da economia, foi parar lá no congresso, os deputados – nossos representantes – não dialogaram com suas bases, uma ou outra categoria que tem mais poder de pressão consegue alguma coisa e o resto... Então, isso para mim são sinais evidentes de falta de possibilidades de expressão das diferenças, das desigualdades que existem no país. Então fica meio complicado eu procurar isso nos espaços livres de edificação, nas praças...o que eu vou encontrar ali é a sociedade brasileira, o que eu vou encontrar ali é a territorialização de grupos específicos, o que eu vou encontrar ali é lazer, diversão, entretenimento, modismos e separação, como a sociedade brasileira. Então está todo mundo ali junto, parece que está junto, mas na verdade não tem esfera pública, não tem espaço para isso acontecer. Em momentos específicos, em situações específicas pode acontecer. Eu estudo isso há muito tempo com pessoas que eu oriento, nas disciplinas que eu dou e aparecem situações aqui e ali que eu poderia citar alguns exemplos e a gente vai lá naquele terreno lefebvriano da utopia, da brecha, do possível... mas agora, como é que a gente chama então - e isso é uma pergunta recorrente dos colegas - esses espaços? Eu diria para não me comprometer que são espaços de uso comum, espaços de uso coletivo. Porque a acessibilidade, mesmo física, no Brasil, sempre precisa ser relativizada. Eu me lembro que, nos anos 1990, o prefeito da época fez o Parque Costa Azul e dizia que o parque era da cidade inteira, quando você vai analisar onde as obras se localizavam, sempre nos mesmos lugares com infraestrutura já consolidada, com população de maior escolaridade e poder aquisitivo para valorizar o solo urbano, que já é valorizado ali, então você tem o discurso que o parque é da cidade inteira mas como é que a pessoa sai de Sussuarana para ir para o Parque Costa Azul? Não vai, não tem condição. Às vezes não tem condição nem de sair para procurar emprego, então em um país que a gente não resolveu nem isso ainda, questões como acessibilidade, mobilidade para as diferentes classes sociais, é muito complicado você falar de espaço público porque teoricamente aquele espaço é acessível a todos. Então eu acho que há muita confusão hoje em dia ainda entre espaço de uso comum e espaço público, porque espaço público ele tem que ser necessariamente político. Agora, o que eu encerrei falando na disciplina foi, foram cinco grupos,

cada um foi para um lugar: Campo da Pólvora, Campo Grande, Piedade, Praia das Pedrinhas, no Solar do Unhão, e Praça do Toca Raul - vocês sabem onde fica isso? Descubram, eu também não sabia. (risos) - E eu senti ali o esforço de procurar esse espaço público, mas em alguns momentos na defesa das ideias dos grupos soa muito ingênuo ou até patético, eu falei isso lá, patético no sentido de uma ingenuidade meio complicada a partir do referencial que você parte. Mas eu falei isso para eles também no final do curso, eu disse que esse ponto de vista, de defender o espaço público dessa maneira é um ponto de vista meu e isso pode ser construído de outra forma, então, eu tenho uma concepção assim do espaço público, mas isso não quer dizer que seja uma verdade definitiva e aí várias perguntas podem ser feitas como: Do comum pode se originar o público, o político? Essa é uma discussão que eu considero fundamental porque esse comum precisa ser melhor qualificado. Se o comum significa simplesmente uso comum de grupos que defendem interesses específicos e que disputam territórios nos espaços de uso comum sem interação, sem negociação, não tem como construir o político porque isso provoca mais separação, mais segregação, e isso explicita rupturas muito mais do que interação, então não surgirá o político e o público deste comum, agora, pode ser que esse comum se realize de outras maneiras em momentos e situações específicos, em espaços específicos e isso precisa ser pesquisado, aprofundado, está aí um bom tema de pesquisa para um mestrado. Tem gente fazendo isso comigo já, algumas pessoas, mas é um trabalho árduo, difícil, complicado. Porém, é interessante pensar nisso, pensar naquelas coisas que o Lefebvre fala de centralidades lúdicas... Porque eu não estou procurando uma pessoa com megafone fazendo comício na praça, não é isso que estou procurando, eu estou procurando onde os diferentes se encontram e negociam. Que parâmetros eu desenvolvo? Que critérios eu desenvolvo para pensar isso? Pensar onde isso pode estar sendo realizado passa por tudo aquilo que a gente falou antes, isso tem que ser vivido, as situações têm que ser bem delineadas, tudo o que a Fenomenologia pode nos ajudar a pensar. Isso tem que se repetir de alguma maneira em experiências e práticas espaciais e é isso que nos interessa em Geografia, a gente não está discutindo o espaço político e o espaço público por si, mas pensando na dimensão espacial disso, idem para o comum, e é isso.

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA Professor, agradecemos muita a sua entrevista, muito obrigada!